

A barragem e a canoa de Jawiti¹

Guilherme Orlandini Heurich
Museu Nacional, UFRJ.

Quando cheguei ao território araweté, em julho de 2011, o plano emergencial estava começando a ganhar fôlego. O rancho vinha mensalmente, assim como o combustível, e as listas estavam em pleno vapor. Nos primeiros dias, me chamaram pra ajudar a construir uma canoa. Depois dessa, fizemos outras três, em sequência, em locais diferentes da mata. Enquanto fazíamos, eu me perguntava o porquê de tantas canoas. E o Kamaratĩ me dizia: “E tu não viu os motores todos encostados lá na beira?”.

Em 2013, quase dois anos depois, quando voltava pela terceira vez aos Araweté, me surpreendi com o fato de alguns jovens, muito jovens, serem donos de canoas/voadeiras. Dois pequenos, de cerca de 11 anos de idade, por exemplo. Um deles, de nome Jawiti, parceiro de pescarias e de algumas viagens, pilota seus pais pra cima e pra baixo nesse Xinguzão, com um motor 13 na popa de sua canoa. Não foi à toa que um motor desses chegou até Jawiti, mas é apenas o resultado de um processo de “decantação de motores” que se efetua a cada chegada de novas voadeiras: alguns trocam seus velhos por novos, deixam os velhos pros filhos, caso eles não tenham novos, os quais passam seus velhos adiante. Um fluxo constante de motores, nesses últimos dois anos, que vi chegar até as aldeias araweté.

O que a Norte Energia fez, durante o plano emergencial, foi fornecer um fluxo constante de mercadorias em direção às aldeias. A Norte Energia se colocou como o grande doador, universal e infinito, de produtos não indígenas, tendo como intermediárias entre ela e os índios apenas as listas, as quais eram monitoradas pela Funai durante o primeiro ano do plano. Como os próprios funcionários da Funai diziam à época, “a verdadeira barragem aqui é a Funai”, que tentava impedir que as consequências do empreendimento chegassem aos índios. Ao mesmo tempo, me dizia

¹ Texto apresentado à 6ª Câmara de Coordenação e Revisão, Procuradoria Geral da República, no dia 14 de Maio de 2013, em reunião sobre os impactos do Plano Emergencial da construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte sobre os povos indígenas da região.

outro funcionário, “o maior impacto de Belo Monte sobre os índios sou eu”, pois seu trabalho envolvia elaborar, junto com os índios, as listas de mercadorias a serem recebidas, monitorar a chegada dos produtos e, ao final, avisar os índios para que recebessem as mercadorias. Barragem ou impacto? Evidentemente, as duas coisas juntas. Nessa relação entre a Funai e os índios, no contexto do emergencial, tem uma frase que me chama muito à atenção, a qual era repetida várias vezes, por pessoas diferentes. A frase é: “O que os índios querem não é o que nós queremos pra eles”. O equívoco fundamental que está expresso nessa frase, me parece, é o ponto de partida para compreender o que aconteceu durante esse plano emergencial.

Nesse hiato entre o fim das listas e o futuro início do Plano Básico Ambiental (PBA), o único fluxo em direção às aldeias que continuou foi o do combustível: 800 litros de gasolina e 300 de óleo diesel, por mês. Algumas voadeiras continuaram e continuam aparecendo, mas ainda fruto das listas, segundo entendi. Além disso, está aí a construção das casas: começando pela aldeia mais à jusante do território araweté, todas as casas tradicionais serão substituídas por casas de tábua com teto de *brasilit*. Cerca de 14 casas já estão quase prontas numa das aldeias, algumas delas aguardando apenas a madeira das paredes – pois estas agora precisam vir de Altamira, visto que a retirada de tábuas de dentro das terras indígenas foi vetada para essa atividade. Não sei exatamente há quanto tempo esse projeto estava pronto, mas sua execução está apenas começando. Não sei quem elaborou esse projeto, mas tenho a impressão que aspectos importantes do uso que os Araweté fazem de suas casas não foram levados em conta. Talvez a duração seja o motivo do desejo por casas de tábua, talvez seja a beleza de tábuas de marupá encostadas uma na outra. Não sei, mas posso tentar entender. Só não entendo as telhas de *brasilit*. Os grupos familiares araweté possuem uma casa de fogo, de referência, onde realizam a maioria de suas refeições. É uma casa igual àquela onde dormem, porém sem paredes: uma casa de fogo, enfim, a qual muitas vezes reúne mais de uma família. Ainda assim, a maioria das pessoas faz fogo dentro da casa em que dorme. Não consigo minimizar a importância do fogo, principalmente daquele que se faz dentro de casa. Fogo que se faz dentro de casa, mas cuja fumaça escapa e atravessa essa mesma casa: um desavisado poderia achar que é um incêndio que está acontecendo quando alguém está cozinhando dentro de casa dada tanta fumaça que escapa pelo teto. Fumaça que a *brasilit* vai conter, toda ela, dentro de casa. É a *brasilit* impedindo a comensalidade doméstica.

Alguns podem dizer que aquilo que acontece em casa não é o mais importante, que os grandes impactos da barragem vão ocorrer fora das casas, isto é, no ambiente que circunda as aldeias. Talvez. Porém, é impossível esquecer a célebre frase proferida durante a fatídica reunião na Casa do Índio (Casai), em novembro de 2011, quando tudo mudou... Aquela reunião em que fomos todos expulsos. A frase é dita enquanto os índios falavam sobre a atuação da Funai em relação às listas, a grande questão naquela

época. Os índios dão exemplos dos cortes feitos nas listas e, em determinado momento, uma das lideranças relata o famoso caso das “camas-box”, as quais foram cortadas pela Funai. Diz a liderança, ao lembrar o caso, que isso é um absurdo e, no alto da sua voz, grita: “Porque todo mundo sabe que índio quer dormir em cama!”. A plateia vem abaixo em palmas e gritos de aprovação. Essa frase, na minha opinião, sintetiza o momento de virada na execução do plano emergencial, quando as listas deixaram de ser monitoradas pela Funai e passaram diretamente ao controle da Norte Energia. Acho que tem muita coisa para ser tirada dessa frase.

O que quero deixar aqui como reflexão é o seguinte. O fato de a Norte Energia ter ocupado, nos últimos dois anos, o papel de doador universal e infinito de mercadorias me parece fundamental para compreender a relação dos índios com o plano emergencial. A figura do sovina, como se sabe, é uma das mais desprezadas pelos grupos indígenas, seja em seus rituais ou em mitos: aquele que tem ciúme de suas coisas, que não dá nada para ninguém, é um tipo de personalidade que os índios não valorizam. Entender por que os índios acham positivo o papel ocupado pela Norte Energia nos últimos anos, me parece, passa por aí: a Norte Energia não foi sovina, não teve ciúmes das coisas que possuía.

Mas isso não é tudo: é preciso voltar aos motores de que falava no início.

Os motores pediam suas canoas enquanto eu tentava entender por onde circulavam todas essas mercadorias recebidas através do plano emergencial. E respostas por vezes surgem em conversas inusitadas. Conversava eu certa tarde com Moinowihi sobre as mercadorias que ela e seu pai tinham enviado para seu tio quando este apareceu no canto de Kanipayero. Algumas vezes, quando o pajé canta, aquele que está cantando o canto – que na verdade não é o pajé, mas sim alguém que já morreu e é transmitido pela voz dele – pede algumas coisas. Machados, facões, às vezes açúcar e café, enfim, coisas que faltam lá no céu. É um aspecto muito interessante do xamanismo araweté que, infelizmente, não trago aqui. Conversávamos, então, sobre isso, quando Moinowihi mudou o papo, mas talvez nem tanto, para as coisas que a Norte Energia estava enviando mensalmente através das listas. Moinowihi dizia que todas essas coisas, incluindo as voadeiras, os motores e o rancho, eram a contrapartida de uma morte que ainda viria acontecer.

As coisas eram o *pepikã*, a contrapartida, da futura morte de todos da aldeia.

E o que vai matar, Moinowihi? A água. A água? Sim, a água da barragem.

*

A análise araweté da razão das mercadorias não poderia ser mais clara e precisa: tudo aquilo que o plano emergencial despejou dentro das aldeias é o pagamento antecipado da morte que acontecerá quando a aldeia for inundada pelas águas de Belo Monte. Nesse sentido, a expectativa entre os Araweté é que o PBA vai continuar na trilha aberta pelo plano emergencial: rancho, combustível e a lista de 30 mil por mês. A transição para o modo-projeto, aí, não será nada fácil.

E com a análise dessa tragédia em mente, trago outra vez meu amigo Jawitĩ, o pequeno possuidor de uma canoa à motor, quem me disse o seguinte, no ano passado:

“A barragem vai alagar nossa aldeia todinha, né Diréme?”

“Não sei, Jawi, não sei.”

“Vai sim, vai sim.”

“E a gente vai morar aonde?”, disse eu.

“A gente vai construir uma canoa bem grande... pra morar todo mundo no meio do rio”.